

Editorial

O presente número de *Numen* traz como dossiê temático *Dostoiévski e a Religião*, contemplando artigos que exploraram a relação do pensamento e da arte do autor russo com o fenômeno religioso. Com a contribuição de *scholars* das diversas áreas das humanidades, sobretudo da literatura, filosofia e ciências da religião, o dossiê nos oferece uma contribuição de enorme envergadura para os estudos sobre religião, política e arte na obra de Dostoiévski. Nesta edição, tivemos o prazer de receber como coeditor convidado o professor Dr. Bruno Gomide, do departamento de literatura russa da Universidade de São Paulo (USP), a quem agradecemos pela enorme contribuição.

É quase um lugar comum associarmos o pensamento e a arte de Dostoiévski à religião. Entre o simples leitor e a vasta tradição de críticos, encontramos um consenso que atesta, em suas obras maiores, a presença inegável do vocabulário religioso, especialmente do cristianismo ortodoxo russo. No entanto, para além de uma simples obviedade que seria facilmente interpretada, “o universo religioso de Dostoiévski” colocou grande parte dos intérpretes do seu pensamento e da sua obra diante de um desafio hermenêutico que nos legou uma significativa tradição interpretativa. A interpretação das suas obras, tendo em vista a religião como chave hermenêutica, experimentou, no primeiro vicênio do século XX russo, um enorme florescimento. Expressão do sofisticado renascimento religioso desse vicênio russo, Viatcheslav Ivanov, tradutor das tragédias de Ésquilo, figurou entre os intérpretes que melhor valoraram a importância da linguagem religiosa como elemento estruturante das obras de Dostoiévski. O círculo de artistas e poetas ligados a Ivanov, como N. Berdiáev, Merejkovski, Rózanov, Boulgákov, legou-nos uma fortuna interpretativa que tematizou a descoberta de Dostoiévski como pensador religioso e

artista, e, como escreveu Andrei Chichkine, citando N. Berdiáev, “dentro deste refinado laboratório russo”, Dostoiévski foi descoberto como “artista-pensador” e interpretado em uma “perspectiva filosófica e religiosa”.

Há uma enorme fortuna crítica que se debruçou sobre as relações entre a obra de Dostoiévski e a religião. Poderíamos mencionar, dentro do vocabulário da filosofia religiosa russa, *le fil rouge* que perpassou as abordagens de V. Ivanov (*Dostoiévski, tragédia, mito e religião*), N. Berdiaev (*O espírito de Dostoiévski*) e as interpretações filosófico-teológicas de P. Evdokimov (*Dostoiévski e o problema do mal*) e L. Zander (*Dostoiévski e o problema do bem*). No universo católico e protestante, encontramos a erudição dogmático-católica de Romano Guardini (*O universo religioso de Dostoiévski*) e a negatividade protestante de Eduard Thurneysen (*Dostoiévski e os confins do homem*), livro que impactou diretamente a obra de juventude do teólogo suíço Karl Barth. Podemos, também, mencionar as intuições filosófico-religiosas de René Girard (*Mentira romântica e verdade romanesca; Dostoiévski: do duplo à unidade e crítica no subterrâneo*), Luigi Pareyson (*Dostoiévski, filosofia, romance e experiência religiosa*), George Steiner (*Tolstói ou Dostoiévski*) e a ambição histórico-literária de Joseph Frank, nos seus monumentais cinco tomos sobre Dostoiévski.

A falta de municiamento teórico em pesquisas da religião e o desconhecimento, ou mesmo a indiferença, em relação ao vocabulário religioso que perfaz a totalidade da obra de Dostoiévski produziram, invariavelmente, reducionismos interpretativos. Por outro lado, o universo religioso de Dostoiévski, que obsessionaria o jovem Lukács, foi objeto de uma constelação de intelectuais europeus que se debruçaram sobre o enigma dos heróis dostoiévskianos. Em um ensaio de 1916 sobre Paul Ernst, G. Lukács traduziu o *pathos* que procurou responder a uma experiência e a um exercício de compreensão das ideias religiosas de Dostoiévski, alinhando-se a uma perspectiva filosófico-religiosa que marcou indelevelmente a recepção de Dostoiévski no século XX¹. No esqueleto do seu

¹“e se a obscuridade de nossa falta de objetivos não passar da obscuridade da noite entre o crepúsculo de um deus e a aurora de outro? [...] E estamos seguros de que encontramos aqui – no mundo trágico abandonado por todos os deuses – a razão final? Ou melhor, não há em nosso abandono um grito de dor e de nostalgia para o deus que vem? E neste caso, a luz ainda trêmula que nos aparece ao longe não é mais

projeto de livro sobre Dostoiévski, Lukács pretendia pensar o significado do judaísmo e do cristianismo em face da constelação de temas urgentes ao próprio Dostoiévski, como o niilismo, o socialismo e a solidão moderna, procurando tematizar a unidade religiosa e o sentido de “comunidade mística russa” na obra deste que ele postulava ser o “Homero ou o Dante desse mundo” (LUKÁCS, p.160). Sabemos que Dostoiévski determinou o pensamento da *intelligentsia* filosófico-religiosa e política do século XX em proporções ainda pouco explicitadas, e a declaração que encontramos no romance *Michael*, escrito em 1926 por Joseph Goebbels, “nós acreditamos em Dostoiévski como nossos pais acreditavam em Cristo”, coloca-nos diante da ambiguidade da herança filosófico-religiosa e estética que deu forma à recepção de Dostoiévski na Europa, traduzindo a polifônica “*Weltanschauung* neorromântica”, reacionária e revolucionária, que ofereceu o pano de fundo para a interpretação das suas obras.

Explorando uma transversalidade de temas como niilismo, ateísmo, socialismo, nacionalismo, judaísmo e cristianismo, interpretados sob a ótica de uma *Weltanschauung* religiosa que determinou a arte e o pensamento de Dostoiévski, o presente dossiê de *Numen* constitui um material riquíssimo e um passo importante para a consolidação dos estudos sobre o universo religioso de Dostoiévski em língua portuguesa.

O primeiro artigo, de Maxim Shrayer, professor de estudos judaicos no Boston College, analisa a conflituosa presença de judeus e do judaísmo na obra de Dostoiévski, realizando uma leitura que atravessa o seu conhecido e complexo histórico de antissemitismo e as potenciais formas de reconciliação entre judaísmo e cristianismo presentes em sua obra-prima, *Os Irmãos Karamazov*. O artigo de Stefano Aloe, professor de literatura russa na Universidade de Verona, intitulado *O que Dostoiévski tinha em mente quando falava de ateísmo*”, explora o significado e a ambivalência do conceito na obra madura de Dostoiévski, sobretudo no período que vai do romance *O Idiota* a *Os Irmãos Karamazov*, ponderando a possibilidade de que

essencial que a claridade enganadora do herói? [...] Desta dualidade saíram os heróis de Dostoiévski: ao lado de Nicolai Stavróguin, o príncipe Míchkin; ao lado de Ivan Karamazov, seu irmão aliocha”. Lukács apud LM. Löwy, *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*, São Paulo, Lech, 1979, pp.130ss, nota 101.



o escritor tenha superado a antinomia tradicional entre teísmo e ateísmo em suas convicções religiosas.

O interessante artigo de Susan McReynolds, professora no departamento de literatura russa da Northwestern, problematiza o consenso na interpretação do pensamento religioso de Dostoiévski, feito unicamente sob o prisma das “narrativas enaltecidas”, como aquelas que o celebraram como arauto e profeta, desconsiderando o fervor com que sua obra foi recebida por parte dos nazistas. Segundo a autora, ao não reconhecermos o papel de Dostoiévski nas “narrativas sombrias” da modernidade e a ressonância e a influência de suas ideias entre os perpetradores da guerra e do genocídio do século XX, deixaremos de captar as dimensões-chave tanto de Dostoiévski quanto dessas tragédias. O artigo do professor franco-brasileiro Michael Löwy sobre o jovem Lukács e Dostoiévski analisa o espaço ocupado pelo primeiro no renascimento religioso e místico dos meios intelectuais da Europa Central, figurando como a expressão particular de uma corrente neo-romântica e anticapitalista que encontrou, na espiritualidade russa, principalmente em Dostoiévski, o núcleo de resistência ao mundo sem alma da Europa industrial moderna.

Ana Carolina Huguenin Pereira, professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realiza um estudo comparado das formas de configuração do niilismo moderno em Machado de Assis e Dostoiévski, demonstrando a presença, neste, e a ausência, naquele, de um espaço de transcendência religiosa que apontasse para uma possibilidade de redenção. O artigo de Cláudia Drucker, da Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta-nos o contexto histórico da discussão sobre o niilismo na Rússia de Dostoiévski, demonstrando como a sua obra configurou-se como uma espécie de antiniilismo, confrontando-se com as formas de niilismo presentes na religião institucionalizada e no materialismo filosófico e utilitarista de figuras como Pissarev, Dobroliúbov e Tchernitchévski.

Flavio Ricardo Vassoler, pesquisador no departamento de literatura russa da Northwestern, apresenta um ambicioso diálogo entre as intuições presentes na obra de Dostoiévski, *O sonho de um homem ridículo*, e os conceitos de dialética histórica e eternidade da *filosofia da história* de Hegel e da codificação espírita de Allan

Kardek, demonstrando como a ideia de redenção em Dostoiévski ultrapassa o vocabulário das tradições clássicas do judeu-cristianismo.

O artigo de Luana Martins Golin, professora no departamento de teologia da Umesp, propõe uma interpretação intertextual da obra *O Idiota*, evidenciando como as imagens do Cristo da literatura bíblica estruturam o enredo e as ações do herói de Dostoiévski.

Por fim, Jimmy Sudário Cabral, professor no departamento de Ciência da Religião da UFJF, analisa o contexto histórico-filosófico e político em que se deu a gestação da novela *Memórias do Subsolo*, apontando como a obra de Dostoiévski pode ser lida como uma crítica religiosa e como núcleo de desconstrução das virtudes estéticas e políticas da modernidade.

Desejamos que este dossiê contribua significativamente para as pesquisas sobre Dostoiévski no Brasil, somando esforços para uma maior e melhor compreensão da relação entre o pensamento e a arte do autor russo com o fenômeno religioso.

Boa leitura.

Prof. Dr. Dilip Loundo, UFJF (Editor da Revista)

Prof. Dr. Jimmy Sudário Cabral, UFJF (Editor do Número)

Prof. Dr. Bruno Gomide, USP (Co-Editor Convidado do Número)